

Fotos de Fábio Melo Tancredi e Davi Protti



A gerência do Banco do Estado da Bahia (Baneb) já demonstrou interesse em remover o painel de alumínio (direita), avaliado hoje em até Cr\$ 60 milhões e que esconde a fachada original de um casarão construído no início do século na Jerônimo Monteiro

A VELHA CIDADE TENTA

Comerciante teme prejuízo

A retirada dos painéis de propaganda das lojas está provocando polêmica entre os comerciantes que utilizam placas e luminosos para fazer propaganda. Alguns não estão gostando da idéia da prefeitura e reclamam que só a isenção do IPTU não cobrirá os seus prejuízos.

“Para que preservar o que é velho?”, questiona insatisfeito o gerente da Farmácia e Drogaria Costa Pereira, João Manoel Borges Nascimento. Há 10 anos a farmácia dele vêm ocultando a fachada de um belo edifício dos anos 40 com uma placa de alumínio.

Ele foi notificado na última quinta-feira pela fiscalização para que retire, num prazo de 60 dias, as placas do estabelecimento. Caso a placa não seja retirada ele fica passível de uma multa de Cr\$ 18 mil e até de cassação de alvará.

A gerência do Banco do Estado da Bahia (Baneb) que possui uma grande placa de alumínio ocultando toda a fachada de um prédio bem no centro da Avenida Jerônimo Monteiro, já demonstrou interesse em atender a proposta de retirar a placa de alumínio e restaurar a fachada do prédio. A retirada depende do aval da matriz em Salvador.

A instalação de uma placa daquele tipo hoje varia em torno de Cr\$ 45 a 55 milhões, segundo empresas de publicidade que trabalham na área.

O dono da empresa Maely Arte e Publicidades, Maely Coelho, avalia que a retirada dos letreiros luminosos e fachadas de alumínio das lojas do centro da cidade vai significar uma queda de 20% em seus negócios. Mesmo com esta expectativa ele se diz favorável à proposta da prefeitura.

Sem o centro da cidade como mercado, a empresa pretende passar a investir mais em painéis nas estradas e nos demais municípios da Grande Vitória e do interior do Estado. O mercado da publicidade em painéis surgiu na década de 70, quando grandes lojas se instalaram em Vitória, como Lojas Americanas e Mesbla.

As mudanças da arquitetura no centro da cidade

Período Colonial (entre 1500 a fins de 1800)

- Nesta época as residências tinham o marco da janela em madeira ou pedra com bastante destaque. Havia uma predominância de cheios em relação a vazados (as portas e janelas era menores proporcionalmente ao tamanho das paredes).
- Normalmente as casas não tinham afastamento lateral, sendo coladas umas às outras. O telhado era em dois planos, um dos quais para o lado da rua, onde desaguava a chuva.
- Na casa havia uma sala que era ligada à cozinha através de um grande corredor, que lateralmente ia distribuindo os quartos da casa. O banheiro era fora da casa.

Arquitetura Eclética (finais de 1800 até aproximadamente 1940)

- O estilo chegou ao Brasil com a corte portuguesa e é uma mistura de tendências arquitetônicas. As janelas normalmente em arco eram construídas com destaque.
- Em geral eram feitos adornos (laços, flores e arcos, contruídos em argamassa com cal, gesso ou areia) em toda a fachada da casa. Começou-se a usar o vidro e ferros nas construções.
- A coberturas das casas geralmente eram feitas com telhas francesas. Normalmente as casas tinham no máximo três pavimentos.

Fonte: Arquitetos Augusto Aragão de Albuquerque, Márcia Zanotti, Clenir Regina Pela Meneguel e Tânia Maria de Oliveira Gonçalves

Escondidos atrás de grandes painéis de publicidade estão antigos casarões que contam a história da ocupação e desenvolvimento da capital

Marinete Arcanjo

Escondida há cerca de 20 anos atrás de placas e luminosos, a velha arquitetura do centro de Vitória quer agora mostrar a sua verdadeira cara. Estudiosos, arquitetos e técnicos da prefeitura entendem que a identidade da cidade ainda não foi perdida e pode ser percebida nas belas fachadas dos casarões e prédios construídos no início deste século - considerado o período áureo da história dos 440 anos da capital.

Tentando recuperar esta arquitetura original a prefeitura anunciou esta semana a isenção de impostos, parcial ou total, para quem fizer a recuperação das fachadas originais de seus prédios.

Ao mesmo tempo deu um prazo de 60 dias aos comerciantes para que retirem destes imóveis as placas e luminosos que tapam a arquitetura original.

“Hoje já existe uma competição entre os painéis de propaganda. O mesmo pode ocorrer com a proposta de recuperação das fachadas. O comerciante poderá tirar proveito disto”, acredita otimista uma das arquitetas que estão trabalhando no projeto, Clenir Regina Pela Meneguel.

PROPAGANDA

Alguns comerciantes, no entanto, se mostram confusos e com receio de retirarem de suas lojas as fachadas com a propaganda. “A propaganda é a alma do negócio e a gente não pode viver sem isto”, argumenta o gerente da loja Nova Brasília, próxima à Praça Oito de Setembro, Alonso Torres.

“Nós queremos recuperar a memória da cidade, porque hoje ela está escondida

debaixo dos letreiros”, argumentou o secretário de Planejamento de Vitória, Fernando Augusto Bettarello. Ele acredita que este tipo de ação permitirá maior atratividade ao centro, que hoje é responsável por 45% dos recursos arrecadados no município.

A recuperação das fachadas dos prédios construídos na década de 20 - que têm uma arquitetura de estilo variado, formado por um conjunto de várias tendências arquitetônicas - está incluído na proposta da PMV de revitalizar o centro da cidade.

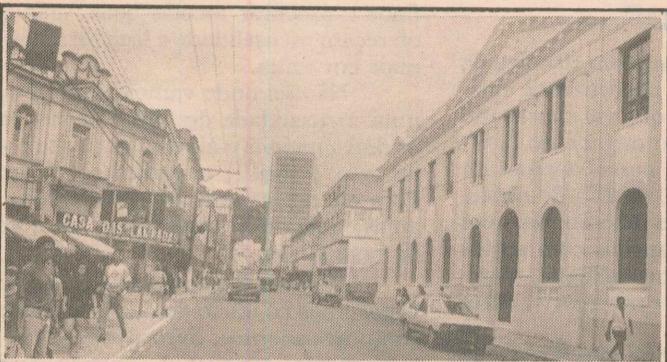
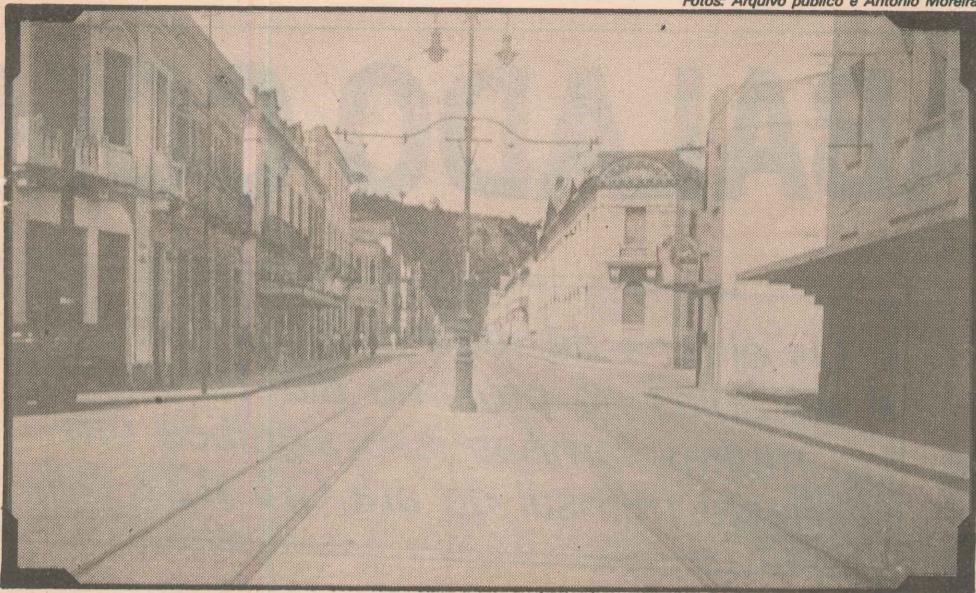
A revitalização da cidade pretende evitar que o comércio se afaste desta região à procura de outras regiões, como tem ocorrido nos últimos anos com a Praia do Canto.

Para tentar incentivar a recuperação de fachadas a prefeitura fez a recuperação total do prédio da antiga Faculdade de Filosofia (Fafi), trabalho em que foram gastos Cr\$ 375 milhões. No prédio, que ficou fechado durante sete meses para o serviço de recuperação, agora vai funcionar a Escola de Arte e Cultura.

A pretensão é desenvolver uma reação em cadeia junto aos comerciantes baseada na idéia de que se alguém faz a recuperação de seu imóvel, os demais passam a perceber que a proposta é boa e também fazem as recuperações das fachadas originais.

A Secretaria de Planejamento não sabe quanto o município vai deixar de arrecadar de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) com a proposta de isenção para a recuperação das fachadas pois ainda não há um relatório do total de prédios construídos no início do século.

Fotos: Arquivo público e Antonio Moreira



Boa parte dos casarões que sobraram da antiga Jerônimo Monteiro (acima) está em péssimas condições. A restauração do prédio da Fafi (à esquerda) custou Cr\$ 375 milhões

Cidade Alta conserva lembranças da riqueza

A região da Cidade Alta foi até o início deste século a área onde se concentraram as residências dos líderes políticos, religiosos e as camadas mais favorecidas economicamente. Só com a criação do Parque Moscoso, em 1912, no governo Jerônimo Monteiro, esta camada se deslocaria para outras regiões.

Os prédios-sede dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário nunca mais saíram da Cidade Alta. Foi ali por exemplo que moraram grandes nomes da história capixaba como o ex-governador Muniz Freire.

Muitas obras sofreram mudanças. O Palácio Anchieta (construção original do século XVI) foi construído sobre um conjunto jesuítico, formado pelo colégio e pela Igreja de São Tiago.

Do período colonial mesmo só restaram poucas edificações sacras como duas residências atrás da Catedral Metropolitana de Vitória, pertencentes à Igreja Católica.

As escadarias que levam à Cidade Alta só foram construídas entre os anos 20 e 40, para substituir as antigas ladeiras. Também no início dos anos 20 foi construída a Praça Costa Pereira, naquele tempo Praça da Independência, na região do Largo da Conceição, onde havia também a igreja Nossa Senhora da Conceição.

Um fato que marcou a história da praça foi a Festa das Árvores, quando centenas de alunos fizeram o primeiro plantio de árvores da praça.

No início deste século o centro da cidade era habitado por basicamente duas classes sociais. Uma delas, a classe alta, era formada por pessoas ligadas ao poder político ou exportadores de café, como as famílias Guimarães e Oliveira Sales. A outra camada era formada por pequenos funcionários.

Nesta época o centro da cidade consistia basicamente da região entre o Forte São João (onde funciona o clube Saldaña da Gama) e a Santa Casa de Misericórdia na Vila Rubim, como lembra o historiador Renato Pacheco.

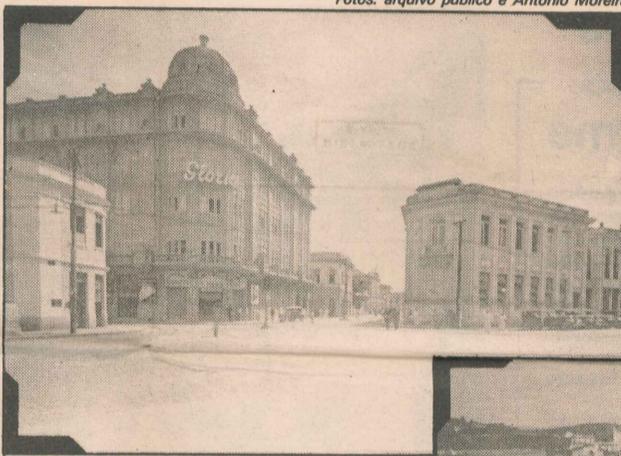
Em termos de vida social, havia o Cine Central, que funcionava num edifício localizado onde hoje está o prédio Aureliano Hoffman, edifício do Tribunal Regional Eleitoral.

O historiador Fernando Achiamé conta que na década de 20, surgiu o então Cine Teatro Glória, construído numa área onde antes existia um parque de diversões e que se tornou a grande sensação da época.

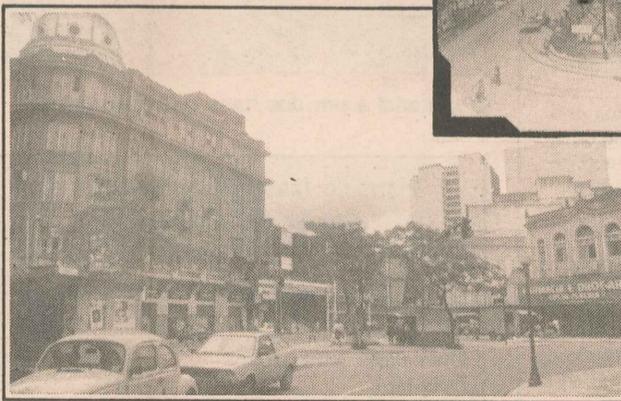
As diversões ficavam ainda no prazer de andar nos bondinho que passava por toda a Avenida Jerônimo Monteiro; no bate-papo com amigos na Praça Oito de Setembro, também construída no início dos anos 20.

A vida noturna oferecia como opções os vários cassinos da Rua Barão de Itapemirim, ou os bares Avenida, Americano, Moderno ou Estrela, todos na região próxima à Jerônimo Monteiro.

Fotos: arquivo público e Antonio Moreira



O Cine Glória registrado em três fases de sua história



Na década de 20 começou a construção do prédio (canto esquerdo da primeira foto), que se tornou um sucesso e resiste até hoje. O casarão construído em frente foi demolido

SOBREVIVER

Situação é de abandono

Embora vários casarões antigos de Vitória mantenham suas fachadas quase sempre originais, boa parte deles estão completamente abandonados com seu interior sendo utilizado como dormitório para mendigos, ou como depósitos para lojas.

Um dos prédios nesta situação é o de número 40 da Escadaria Nicolau Abreu, entre a avenida Jerônimo Monteiro e a rua Wilson Freitas. A casa do início do século, semelhante a um castelinho, fica escondida entre as edificações mais modernas do centro.

Em sua parte externa a originalidade da obra está quase intacta, fora as escadas em madeira quase todas em péssimo estado. Por dentro da casa, pertencente à família Neffa, o aspecto é de uma residência que não foi varrida há muitas décadas. Com janelas e assoalhos quebrados - um abandono total.

Apesar deste aspecto, a casa é habitada por dona Carolina Maria dos Remédios, uma senhora idosa que já não se lembra da própria idade e não gosta de falar. Procurados insistentemente durante a semana para falar sobre o imóvel, nenhum dos irmãos Neffa (donos do Hotel São José) foram localizados.

Jamil Aziz Moussalem, dono do Palace Hotel,

um edifício de três andares de 1913, explicou que a maioria destes imóveis encontram-se sem conservação porque a sua recuperação fica muito cara.

O Palace Hotel por exemplo, só possui o seu primeiro pavimento utilizado como ponto comercial. Os demais construídos em madeira e barro, estão abandonados e com as estruturas apodrecendo.

"Quando eu comprei o edifício há 15 anos ele já estava bem maltratado", contou. Para recuperar todos 32 quartos, Jamil Aziz estima que vá gastar aproximadamente Cr\$ 100 milhões. Como não possui esta quantia, não sabe quando poderá fazer a sua recuperação.

Embora sejam mais antigas, construídas aproximadamente no século XVIII, as duas casas pertencentes à igreja católica na rua José marcelino, na Cidade Alta, são exemplos de arquitetura que mantém uma certa conservação. A explicação é que elas funcionam como residência.

Em uma das casas, a de número 197, residem as irmãs Odila Perini e as primas Iracema e Alice Tombozi. Embora as irmãs façam tudo o que podem para manter a conservação, o tempo luta contra: o assoalho mostra sinais de cansaço depois de receber muitas goteiras ao longo dos anos e uma parte da parede externa dos fundos da casa está caindo.

JUSTIÇA E DETERMINAÇÃO

Desembargador José Eduardo Grandi Ribeiro — Presidente
Desembargador José Cupertino Leite de Almeida — Vice-Presidente
Desembargador Renato de Mattos — Corregedor Geral
Parabéns e Sucesso no TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.

VOLMAN
CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO LTDA.